

La Comédiathèque

0 Jackpot

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

O JACKPOT

Jean-Pierre Martinez

Tradução e adaptação pelo próprio autor

Após um acidente com um carro funerário, um caixão aparece num café...
E tudo leva a crer que lá dentro está um boletim premiado do Totoloto.
É o ponto de partida de uma comédia de humor negro e muitas surpresas.

Personagens

Manuel: o dono do café, apaixonado por palavras cruzadas

Conceição: a cozinheira solteira

Pedro: o funcionário da funerária dado à filosofia

Luís: o funcionário da funerária de espírito prático

Sílvia: a herdeira sempre exaltada

Letícia: a aluna do secundário desiludida

Carlos: o professor à beira de um ataque de nervos

Jesus: o canalizador com sorte

Branca: a idosa que não é tão distraída como parece

O carteiro pode ser interpretado pelo mesmo ator que representa Jesus,
e a vendedora surda-muda pela mesma atriz que representa Branca.
Estes dois pequenos papéis também podem ser atribuídos a outros intérpretes.

***Existem adaptações para elencos de 7 a 16 personagens,
com diferentes distribuições entre homens e mulheres:***

1H/6M, 1H/7M, 1H/8M, 1H/9M, 2H/5M, 2H/6M, 2H/7M, 2H/8M, 3H/4M,
3H/5M, 3H/6M, 3H/7M, 4H/3M, 4H/4M, 4H/5M, 4H/6M, 5H/2M, 5H/3M,
5H/4M, 5H/5M, 6H/2M, 6H/3M, 6H/4M, 7H/2M, 7H/3M...

Podem ser descarregadas no sítios do autor: comediatheque.net, jeanpierremartinez.net

Ao centro, o balcão do café. Por cima, uma placa com o nome Café Central. De um lado, uma máquina de flippers; do outro, duas mesas. Atrás do balcão, Manuel, o proprietário, resolve as palavras cruzadas de um jornal. Na sala, Conceição, a empregada para todo o serviço, passa a esfregona.

Manuel – É preciso ter peças para funcionar... Sete letras...

Conceição interrompe a limpeza e põe-se a pensar.

Conceição – Flipper...?

Manuel olha para ela, surpreendido com tanta inspiração. Conta sete letras pelos dedos, com o rosto iluminado pela descoberta. Debruça-se sobre a grelha, mas desanima.

Manuel – Porra, começa por um t...

Entra um carteiro à antiga, de uniforme, boné, mala a tiracolo e molas nas pernas das calças. Pode ser interpretado pelo mesmo ator que, mais tarde, fará de canalizador, desta vez com fato de trabalho. As duas indumentárias bastam para os distinguir, embora se possa acrescentar um bigode postiço ao carteiro, que tem um ar de ingénuo. Manuel levanta os olhos das palavras cruzadas.

Manuel – Olha, aí vem o carteiro...

Carteiro – Olá, Manuel. Hoje tens outra vez correspondência de ministro...

Deixa um molho de cartas sobre o balcão.

Manuel – De ministro, uma ova... *(Examina os envelopes.)* Contas, impostos, quotas em atraso, mais contas... *(Arruma o correio.)* Um copinho de branco, como de costume?

Carteiro – Não, ultimamente o branco não me cai muito bem... Põe-me antes um vinho verde.

Manuel serve-o.

Manuel – Aqui tens. Ainda é verde, mas já se pode beber.

O carteiro esvazia o copo de um trago.

Manuel – Isto já ninguém nos tira...

Carteiro – Já agora... O apelido Vinhas diz-te alguma coisa?

Manuel – Vinhas?

O carteiro tira uma carta registada da mala.

Carteiro – A senhora Vinhas. Mora no número 13, no prédio aqui ao lado.

Manuel – Ah, sim...

Carteiro – Mas não vi o nome dela nas caixas do correio.

Manuel – Não admira...

Carteiro – Em que andar mora?

Manuel – No sétimo. Mas morreu há uns quinze dias.

Carteiro – Ah, bolas... Então, por assim dizer, mudou de residência...

Manuel – É uma maneira de ver as coisas. Mudou-se para o bairro dos pés juntos.

Carteiro – É que tenho aqui uma carta registada para ela.

Manuel – Pois... Que chatice...

Carteiro – Então, o que é que eu faço?

Manuel – Sei lá eu...

Carteiro – Por acaso, não te deixou uma morada nova?

Manuel – Já te disse que morreu!

Carteiro – Pois... É complicado... Mas quem é que vai assinar a entrega da carta?

Manuel – Isso...

Carteiro – Portanto, ela não volta...

Manuel – É pouco provável.

Carteiro – É que isto não me dá jeito nenhum.

Manuel – É igual em todos os ofícios... Há sempre uns chatos que só pensam em dificultar a vida aos outros.

Carteiro – Então, não sei... Não podias assinar tu em nome dela?

Manuel – E por que havia de fazer isso?

Carteiro – Os vizinhos devem ajudar-se uns aos outros... Escusava de voltar cá.

Manuel – Voltar? Para quê?

Carteiro – Para lhe entregar a carta registada!

Manuel – Mas já te disse que ela morreu! Faleceu, percebes? Uma das poucas vantagens de estar morto é ficarmos definitivamente livres das cartas registadas!

Carteiro – Estou a perceber.

Manuel – Deixa-lhe um aviso de entrega.

Carteiro – Achas?

Manuel – Mas afinal, o que é que traz essa carta? Uma cobrança das Finanças? Uma ordem de despejo? Uma notificação da Segurança Social?

Carteiro – Vem dos Jogos Santa Casa.

Manuel – Dos Jogos Santa Casa?

Carteiro – Então não deve ser uma má notícia.

Manuel – Achas mesmo que, depois de morto, alguém consegue distinguir uma boa notícia de uma má?

Carteiro – Mesmo assim... Os Jogos Santa Casa...

Manuel – Deixa cá ver... (*Tira a carta da mão do carteiro.*) Olha, é mesmo dos Jogos Santa Casa...

Carteiro – Ela jogava no Totoloto?

Manuel – Não sei... Cruzava-me com ela de vez em quando... Tinha uma cadelinha...

Carteiro – E o que é que lhe aconteceu?

Manuel – Morreu, já te disse!

Carteiro – A cadelinha também?

Manuel – Não, a cadela não! A senhora!

Carteiro – Então e a cadelinha, o que lhe aconteceu?

Manuel – Não faço ideia...

Carteiro – É triste, um animal ficar sozinho no mundo... Não compreendo as pessoas que adotam um bicho e depois o abandonam. Ter um animal é uma responsabilidade. Há quem não tenha noção...

Manuel – Achas que ela podia ter ganho o primeiro prémio?

Carteiro – Se ganhou, convém que apareça depressa. Há um prazo para reclamar o prémio. Se ninguém o reclamar a tempo, perde-se o direito ao dinheiro...

Manuel – Era uma pena...

Carteiro – Então, o que fazemos?

Manuel – Fazemos?

Carteiro – Como disseste, era uma pena...

Manuel – Está bem. Eu assino.

Carteiro – Assim escuso de cá voltar.

Manuel assina o aviso de receção que o carteiro lhe estende, abre o envelope com impaciência e lê.

Carteiro – Então?

Manuel – É uma carta de despedimento...

Carteiro – Não é um cheque?

Manuel (*a ler*) – Ela trabalhava nos Jogos Santa Casa, com contrato a termo. É só uma comunicação de fim de contrato.

Carteiro – Bolas... Então, além de não lhe sair o Totoloto, ainda fica sem emprego!

Manuel – Pois...

Carteiro – Que falta de sorte... E com a dificuldade que há hoje em arranjar trabalho...

Manuel – Sobretudo depois de morto.

Carteiro – E, claro, o Totoloto nunca sai a pessoas como nós, que bem precisavam...

Manuel – Pois não...

Carteiro – Ainda ontem li no jornal sobre um tipo que ganhou doze milhões no Totoloto e continua a viver exatamente como antes... Há pessoas que nem merecem ganhar!

Manuel – Lá isso é verdade...

Carteiro – Bem, tenho de continuar a minha volta.

Prepara-se para sair. Manuel levanta a carta.

Manuel – E o que é que faço eu com isto?

Carteiro – Isso lá sabes tu. Eu, desde que tenhas assinado o aviso de receção...

O carteiro sai. Manuel volta a olhar, intrigado, para a carta antes de a pôr de lado. Entra Carlos, com uma pasta na mão, absorto nos seus pensamentos.

Carlos – Olá. *(Aproxima-se do balcão)* Um café...

Manuel serve o café e pega uma garrafa da prateleira.

Manuel – Uma aguardente de maçã, para acompanhar?

Carlos *(surpreso)* – Acompanhar o quê?

Manuel – O café, claro...

Carlos – Ah, não, obrigado... Tenho uma aula daqui a um quarto de hora...

Manuel insiste, tentador, com a garrafa na mão.

Manuel – Vá lá... Não lhe vão fazer o teste do balão na escola!

Carlos – E afinal de contas... Porque não?

Enquanto Manuel lhe serve uma aguardente de maçã e aproveita para se servir também, Carlos espreita o Público, que acaba de tirar da pasta.

Carlos *(a ler)* – Um jovem imigrante sem documentos arrisca a vida para salvar um deputado que se estava a afogar numa praia do Algarve...

Manuel – E ainda vão acabar por lhe dar uma medalha por isso...

Manuel pousa o licor à frente de Carlos e prepara-se para beber o seu.

Carlos – Não acha que ele a merece?

Manuel – Se tivesse salvo uma criança, ainda vá... Mas um deputado! Afinal, para que serve um deputado?

Carlos – Confesso que não faço a menor ideia.

Manuel – Eu cá sou a favor de acabar com a Assembleia da República.

Carlos – Se calhar tem razão. Mas também não podemos afogá-los todos...

Manuel – Daí a ir buscá-los quando caem à água por acidente... Enfim, eu não digo nada. A água, só a uso para misturar no anis.

Manuel bebe o seu licor de um trago.

Manuel (*satisfeito*) – Ah...

Mas o sorriso desaparece-lhe imediatamente.

Manuel – Este licor sabe um bocado a água... Não acha?

Carlos leva o copo aos lábios e faz uma careta.

Carlos – Nota-se bem o sabor a maçã...

Manuel torna a pôr a garrafa na prateleira, pesando-a na mão e examinando o nível.

Manuel – Não pode ser! Ontem ainda estava quase cheia. Não fui eu que bebi isto tudo!

Faz uma marca a lápis na garrafa. Conceição, que acabou de lavar o chão, dirige-se à cozinha. Carlos prepara-se para beber o seu licor, mas engasga-se ao ver entrar Sílvia, de preto, e Letícia, sua filha. Carlos e Letícia trocam um olhar comprometedor. Carlos esconde-se atrás do Público, enquanto mãe e filha se sentam.

Sílvia (*a examinar a sala*) – Que sítio tão imundo, não achas?

Letícia – É popular...

Sílvia – Popular ou não, está uma porcaria...

Letícia – É o único café em frente ao cemitério... Claro que atrai menos gente do que uma escola secundária...

Sílvia olha para o proprietário, que se aproxima para saber o que elas desejam.

Sílvia (*de forma que Manuel não entenda*) – Viste como já estão alegres a esta hora?

Manuel – Bom dia... O que desejam?

Sílvia – Um chá com... (*Com nojo*) Um chá... Sem nada.

Letícia – Uma limonada.

O dono afasta-se. Sílvia observa os cartazes de futebol.

Sílvia – O futebol vê-se na televisão, a beber umas cervejas... E nem sequer há matraquilhos aqui!

Letícia tira um cigarro e prepara-se para o acender.

Sílvia – Não vais fumar aqui, pois não?

Letícia – Porquê? Tu, quando estavas grávida de mim, fumavas dois maços por dia... Dizem que é a melhor maneira de ter filhos parvos...

Sílvia – Na altura não se sabia... Porque é que disseste «tu, quando estavas grávida»?

Manuel traz as bebidas.

Manuel – Se quer fumar, tem de ser lá fora...

Letícia guarda o cigarro com um suspiro. Manuel afasta-se.

Sílvia (com um suspiro) – Então, afinal, não era apendicite...

Letícia – Uma apendicite! Aos setenta e cinco anos! Confundir uma cirrose com uma doença infantil... Aquele médico não era um génio dos diagnósticos.

Sílvia – Era um médico interno. Ganham tão pouco... Bem, de qualquer forma, era incurável... *(Depois de um momento)* Não consigo acreditar que o teu avô já tenha morrido.

Letícia – Antes de ser meu avô, era teu pai, não era?

Sílvia – Sempre tive dificuldades em me entender com ele...

Letícia – E agora já não é possível resolver isso...

Sílvia – Uma amiga minha andou quinze anos em psicanálise para tentar retomar o diálogo com o pai. Quinze anos! Imagina!

Letícia – E...?

Sílvia – Bem... ao fim dos quinze anos, o pai dela estava morto, claro...

Sem que a mãe dela perceba, Letícia troca olhares inquietos com Carlos.

Letícia – E a avó?

Sílvia – Ela nem se lembra que estava casada... Para que dizer agora que é viúva...?

Letícia – Os funerais raramente são divertidos...

Manuel folheia o jornal.

Manuel (a ler) – O suicídio é a principal causa de morte entre os adolescentes... Olha, quando se tem dezassete anos, de que se vai morrer, de velhice?

Letícia – Sabias que o avô tinha contratado um seguro funerário?

Sílvia – Não...

Letícia – É estranho, não é? Escolhermos antecipadamente o caixão, as pegas, o forro...

Sílvia – Mas é prático. Assim, não temos de tratar de nada.

Letícia (com ironia) – E nada a pagar...

Sílvia tira um espelho da sua bolsa e olha para si mesma.

Sílvia (assustada) – Ui! Se me visse na rua, nem me reconhecia! Vou retocar um bocadinho a maquilhagem, senão ainda pensam que sou eu a defunta...

Sílvia dirige-se à casa de banho e cruza-se com Carlos, que tenta passar despercebido, escondendo-se atrás de um livro de Kant. Sílvia hesita um instante antes de o abordar com um grande sorriso.

Sílvia – Carlos? Sou a Sílvia! Lembras-te de mim? Andámos juntos no liceu...

Carlos (*com entusiasmo fingido*) – Sílvia...!

Sílvia – Então, o que é feito de ti?

Carlos – Bem, continuo na escola...

Sílvia – Professor?

Carlos – Primeiro aluno, depois vigilante e agora professor. Foi a única maneira de não me expulsarem de vez da escola... E tu?

Sílvia – Eu... Bem... Casei-me... E depois divorciei-me...

Manuel (*sentencioso*) – Bem... É melhor estar bem divorciado do que mal casado... Não é verdade?

Sílvia lança-lhe um olhar assassino.

Sílvia (*para Carlos*) – Ainda escreves peças de teatro?

Letícia parece surpreendida.

Carlos – Não... (Ao ver o ar desiludido de Sílvia, emenda.) Agora escrevo sobretudo romances...

Sílvia – Romancista? Fantástico! Tens de me dedicar um dos teus livros.

Carlos (*confuso*) – Bem...

Sílvia – E és casado? Tens filhos?

Carlos – Não, continuo solteiro...

Sílvia – E pensar que a minha filha já tem quase a idade dos teus alunos... Como o tempo passa! (Aponta para Letícia.) Olha, é ela!

Carlos lança um olhar confuso a Letícia.

Carlos – Letícia? É minha aluna... Não fazia ideia de que era tua filha!

Sílvia – Tem o apelido do pai... Foi a única coisa que ele lhe deixou quando se foi embora. E tu? És o professor de Educação Física dela, não és? Fala muito de ti...

Carlos – Não... Sou professor de Filosofia.

Sílvia – Ah, claro! Tens mesmo o ar de um professor de Filosofia... Diz-me, ela e Kant não parecem dar-se muito bem. Achas que desta vez acaba o secundário? É a terceira tentativa... Sempre teve um espírito muito prático. E, convenhamos, a Filosofia não leva a lado nenhum...

Carlos – Pois...

Sílvia – Olha, se ela foder outra vez... Quero dizer, se chumbar outra vez, matriculo-a numa escola privada de gestão. daquelas onde se entra mesmo sem concluir o secundário. Já encontrei uma. É cara, mas é boa. Quando se quer qualidade, paga-se! E, francamente, concluir o secundário para depois ir para a universidade com toda a gente... Hoje em dia, toda a gente vai para a universidade. Já não há seleção!

Letícia (*abalada*) – Mãe...

Sílvia (*suspirando*) – Ah, não é nada fácil educar uma filha sozinha... Sabes o que dizia Freud sobre a educação dos filhos? «Façam o que fizerem, vai correr mal.» Bem, desculpa, tenho um funeral à minha espera...

Sílvia segue para a casa de banho.

Letícia (*irritada*) – Não sabia que conhecias a minha mãe.

Carlos – Bem, eu também não...

Letícia – Tenho de te ver esta noite... Posso ir a tua casa?

Carlos – Ouve, Letícia, acho melhor acabarmos com isto. Não vamos a lado nenhum...

Carlos – Para a semana, se Deus quiser, acabas o secundário.

Letícia – Deus?

Carlos – No próximo ano, vais para a universidade... ou para uma dessas escolas de gestão. E eu continuo aqui, como todos os anos.

Letícia (*aumentando o tom de voz*) – Ah, agora dava-te jeito que eu passasse, não era? Assim, em setembro, arranjas outra rapariga a quem dar explicações...

Carlos, sentindo-se muito mal por ela falar tão alto, responde em voz baixa.

Carlos – Eu podia ser teu pai!

Letícia (*irónica*) – Dizes isso por teres conhecido tão bem a minha mãe?

Carlos – Estou a falar da idade!

Letícia – Podia denunciar-te por aliciamento de menores!

Carlos – Mas tu tens vinte e um anos!

Letícia – Então, por assédio sexual!

Carlos (*fingindo indiferença*) – Faz o que quiseres. Até me fazias um favor se me expulsassem do ensino.

Letícia (*levantando-se, com desdém*) – Imbecil!

Sílvia regressa da casa de banho.

Sílvia (*para Carlos, encantadora*) – Porque não vens lá a casa um destes dias? Jantamos os dois, como nos velhos tempos... (Ao ouvido dele.) Quem sabe se não conseguimos reacender a chama...

Carlos, desconfortável, responde com um sorriso tenso.

Sílvia – Vens, Letícia? (A Carlos.) Não a massacres com estudos, está bem? Ainda é uma menina.

Sílvia e Letícia saem. Carlos fica, perturbado mas aliviado. Manuel não perdeu nada da conversa, mas age como se não tivesse ouvido.

Carlos – Os riscos da profissão... Posso contar com a sua discrição? Se isto sair daqui, sou expulso da escola... diretamente para a prisão.

Manuel (*sentencioso*) – Um bar é como um confessionário. Pode considerar-me o seu confessor.

De repente, Letícia volta furiosa e coloca algo na mão de Carlos.

Letícia – Toma, é o primeiro exame da minha vida que consegui passar, e foi graças a ti! Fica com o diploma de recordação!

Letícia vai embora. Carlos olha incrédulo para o que ela lhe deu. É um teste de gravidez.

Manuel (*com um sorriso*) – Quando aparecem duas linhas, significa que são gémeos...

Carlos sai, em pânico. Manuel suspira e regressa às palavras cruzadas. Conceição vem da cozinha com uma revista. Aproveitando a distração de Manuel, serve-se de uma aguardente de maçã, bebe-a de um trago e, com um funil, enche a garrafa com a água de um copo. Quando Manuel se volta para ela, desconfiado, finge estar absorvida na leitura.

Manuel – Agora lê revistas de caça?

Manuel – Andas à procura de uma espingarda em segunda mão?

Conceição – Não! Leio os anúncios... Os anúncios matrimoniais!

Manuel – E então?

Conceição – É como com os carros: antes de escolher, é preciso comparar os modelos...

Manuel – E já encontraste o modelo que procuras?

Conceição – Ainda não. Infelizmente, depois dos cinquenta, tenho de me contentar com o mercado de usados...

O telemóvel de Conceição começa a tocar, com uma música de casamento.

Conceição (*muito animada*) – Deve ser o meu... Ofereci-me um pelo Natal. É preciso acompanhar os tempos...

Tenta atender a chamada, mas, como não está habituada ao aparelho, não consegue.

Conceição – Porra, como é que isto funciona...?

Manuel observa-a, perplexo.

Conceição (*com gentileza afetada e voz alta*) – Estou? Sim, sou eu... Bom dia! Sim, sim, à volta dos quarenta...

Ela percebe que Manuel está a ouvir.

Conceição – Bem, mais perto dos quarenta do que dos cinquenta... Encontrei o seu anúncio por acaso numa revista de caça. Eu? Não, não costumo caçar... Talvez a tenha folheado na cabeleireira. Não, a minha cabeleireira também não caça. Porquê? Sou divorciada, sim. E o senhor? (*O sorriso desaparece.*) Ah... E ela morreu de quê? Se não é indiscrição, claro. Coitada, deve ter sofrido tanto... Nesses casos, deviam era abatê-las... (*Manuel olha-a, horrorizado.*) Sim, a morte dela deve ter-lhe deixado um grande vazio... Não, animais não tenho. Só um filho de dezassete anos. Mas também faz muita porcaria, acredite! Gosta de crianças? Pois, mas para termos filhos juntos já vamos um bocado tarde, não acha? Olhe, agora estou a trabalhar. Pode vir ter comigo ao Café Central, em frente ao cemitério... Não, não é junto ao estádio. Isso mesmo. Até já!

Conceição desliga e deixa o telemóvel no balcão. Manuel, desconfiado, verifica a marca que fez a lápis no rótulo da garrafa de aguardente de maçã.

Conceição – Não vimos o Zé hoje de manhã. Que estranho, não?

Manuel – Já há três dias que não aparece para jogar no Totoloto... Deve estar doente.

Conceição – Há anos que escolhe os cinco pares de algarismos do NISS para jogar no Totoloto. E ainda acredita que um dia o Número da Sorte, atribuído automaticamente, vai coincidir com o último algarismo... Era uma pena sair a combinação no dia em que não jogasse.

Manuel aponta para uma notícia no jornal.

Manuel – E por falar no Totoloto, já viste isto?

Conceição – O quê?

Manuel – O jackpot do Totoloto! O boletim premiado foi registado aqui!

Conceição – A sério?

Manuel – Está aqui no jornal! Doze milhões de euros!

Conceição – De antigos escudos?

Manuel – De euros! Imagina o que se pode fazer com doze milhões de euros...

Conceição – Talvez ele seja solteiro...

Manuel – Quem sabe... Às vezes, os vencedores preferem permanecer no anonimato...

Manuel serve-se de um cálice de aguardente de maçã.

Conceição – É como os alcoólicos anónimos...

Manuel bebe a aguardente de um trago e faz uma careta, levando a mão ao estômago.

Manuel – Não sei o que tem esta aguardente de maçã... Ultimamente, cai-me mal. Ando com dores de estômago.

Conceição – Isso é do stress. Vais ver, quando te reformares, deixam de te doer as tripas.

Manuel – Pois... E quando morrer, já não me dói nada!

Ele faz outra marca no rótulo da garrafa.

Conceição – Bem, eu vou às compras.

Conceição sai. O telemóvel que esqueceu no balcão começa a tocar.

Manuel – Esqueceu-se do telemóvel! Porra... *(Depois de alguma atrapalhão, atende.)* Estou? Não, não é a Conceição, é o Manuel... Quem fala? Jesus? Que anúncio? Ah, o da revista de caça... Espere, deixe-me explicar! Este telemóvel não é meu... *(Olha para o aparelho.)* Desligou-me na cara!

Entram dois empregados de uma agência funerária, vestidos de preto e de óculos escuros.

Manuel – Olha, os Blues Brothers! Como vai o negócio?

Pedro – As tradições estão a desaparecer. Agora até nos funerais as pessoas chegam atrasadas. Ao menos dá-nos tempo para beber qualquer coisa... *(Espreita pela janela.)* Só tenho de ir vigiando o carro funerário.

Luís – Ainda nos roubam a carrinha, com o cliente lá dentro!

Manuel – Com aqueles avisos nos maços de tabaco, até as carrinhas que distribuem cigarros parecem carros funerários... *(Uma pausa.)* Então, o que é que vos sirvo?

Pedro – O do costume. *(A provocá-lo.)* Em equipa que ganha não se mexe, não é?

Manuel amua, mas serve-lhes um copo.

Pedro *(a provocar)* – Viste o jogo de ontem?

Manuel – Vi, vi... *(De má-fé.)* O segundo golo não valia.

Pedro – Como assim, não valia?

Manuel – Fora de jogo...

Pedro – Fora de jogo?!

Conceição regressa das compras e vê-se imediatamente envolvida na discussão.

Manuel – O segundo golo estava fora de jogo, não estava?

Conceição – Desde que os árbitros começaram a fazer publicidade... *(Os dois homens olham para ela, sem perceberem.)* O que é que estava escrito na camisola do árbitro?

Pedro tenta recordar-se.

Pedro – «Raspa e Ganha»... E então?

Conceição – Uma moeda!

Manuel *(parando, iluminado)* – Moedas!

Manuel volta às palavras cruzadas a correr, sob o olhar espantado dos outros.

Luís – Eu cá jurava que era um anúncio à segurança rodoviária...

Conceição – Pois, pois...

Conceição entra na cozinha com as compras.

Manuel (*contando pelos dedos*) – «Moedas» só tem seis letras... E nem sequer começa por t!

Luís – Por falar em estradas, quase perdíamos o caixão na autoestrada. Esqueci-me de fechar bem a porta traseira da carrinha funerária, e ao passar por umas obras...

Manuel – Autoestrada! Não, letras a mais... E também não começa por t!

Pedro procura uma maneira de chamar a atenção de Manuel para o seu copo vazio.

Pedro – Olha lá, tens umas meias giras. Também as fazem para homem?

Encolhendo os ombros, Manuel volta a encher os copos dos funcionários da agência funerária.

Luís – Espero que não haja mais mortes nas estradas...

Pedro – Bem, os nossos clientes já não correm grandes riscos... (*Pega no copo.*) Embora... Olha, no mês passado cremámos a senhora Pereira...

Manuel – Que Pereira?

Pedro – A mulher do homem que tinha uma loja de artigos para partidas. Morreu de um enfarte...

Manuel – Ah, sim...

Pedro – Bem, o marido não ficou viúvo por muito tempo...

Manuel – Ele já se casou de novo?

Pedro – Cancro do pâncreas... Enterrámo-lo na semana passada.

Manuel – Não existe justiça...

Luís (*suspirando*) – É a vida...

Pedro – O pior é que o marido se esqueceu de nos avisar, antes da cremação, de que a mulher tinha um pacemaker. A pilha de lítio rebentou com o calor e a porta do forno saltou pelos ares...

Luís – Sorte que ninguém estava na frente.

Pedro – Nem imaginas como ficou a família. Sem falar da senhora Pereira, claro. Felizmente, ninguém se magoou... Mas a reparação vai-nos custar uma fortuna.

Luís – Um dispositivo desses é bem mais caro do que um forno de pizza...

Manuel – Não fazia ideia de que o vosso ofício era tão perigoso...

Manuel – Estranho... O Zé já não aparece aqui há dias...

Pedro – O Zé? Mas eu acabei de o ver num carro de luxo, mesmo à porta!

Manuel (*chocado*) – Será que ele ganhou o jackpot?

Pedro – Bem, de certa forma sim... Ele morreu. Ele é quem está no nosso carro funerário!

Manuel – Não me diga...

Luís – Cirrose.

Manuel – O Zé? Coitado... Ainda o vi há três dias, quando veio fazer a aposta do Totoloto, como sempre. E pensar que lhe podia ter saído o prémio: fui eu que registei aqui o boletim do concurso desta semana.

Conceição sai da cozinha.

Conceição – E se for ele...?

Manuel – Ele o quê?

Conceição – O vencedor! Ele não apareceu... Ele teria um bom motivo para não aparecer...

Manuel – É fácil verificar: o Zé escolhia sempre os cinco pares de algarismos do NISS... (Procura no jornal o resultado do Totoloto.) A combinação vencedora foi 11, 19, 25, 34 e 37; o Número da Sorte foi o 4. Mas qual era o NISS do Zé?

Os outros confessam, por gestos, que não sabem.

Conceição – Era uma sorte do caracas!

Pedro – Eu, mesmo assim, prefiro estar no meu lugar do que no dele...

Manuel – Os herdeiros é que deviam ficar contentes. Porque, tirando isso, o Zé não deve deixar grande coisa.

Conceição – Além de um monte de garrafas vazias...

Luís – E tu, Manuel, o que fazias se te saísse o Totoloto?

Manuel – Pagaria uma rodada para todos... Mas eu não jogo.

Conceição – Se eu ganhasse o Totoloto, ia fazer uma viagem ao espaço. (*Os outros olham para ela, espantados.*) Diz aqui no jornal que os milionários já podem pagar viagens espaciais.

Luís – Faz-me lembrar o que o meu pai dizia: «Quando mandarem os idiotas para o espaço, as revoluções vão suceder-se!»

Pedro – Vamos lá, Manuel, mais uma rodada para comemorar.

Manuel – Comemorar o quê?

Pedro faz um gesto para indicar que não importa. Manuel enche os copos novamente. Branca entra, com um lenço na cabeça. Sem dizer uma palavra, coloca algumas pequenas estátuas no balcão. Os outros a olham, sem saber como reagir. Branca coloca um bilhete no balcão. Conceição inclina-se para ler.

Manuel – O que diz?

Conceição – Se comprarmos quatro, o quinto é de graça...

Pedro (*a olhar para as estátuas*) – O que diabos são essas coisas?

Luís – Não são os sete anões?

Conceição – Mas só tem cinco!

Manuel – São tão pequenos que nem parecem anões!

Luís (*com pena*) – Bem... Se comprarmos dois de cada...

Manuel – O que diabos vamos fazer com dois anões cada um?

Conceição – Sim, e só tem cinco...

Manuel (*em voz alta, para Branca*) – Não, obrigado, já temos tudo o que precisamos.

Conceição – Porque é que está a gritar? Ela é surda!

Branca recolhe as estatuetas, ofendida.

Manuel – Não estou a gritar. Es-tou a ar-ti-cu-lar. Para ela conseguir ler-me os lábios...

Branca sai. Antes de sair, ela vira-se.

Branca – Anões!

Ela sai. Os outros ficam parados.

Pedro – Pelo menos, ela não é muda...

Manuel – E pensar que quase nos deixámos comover...

Conceição (*pensativa*) – Isso faz-me lembrar uma história...

Manuel – Branca de Neve...

Conceição – Chama-se «Uma Mulher É Uma Mulher».

Tira da mala um romance cor-de-rosa e coloca-o sobre o balcão.

Conceição – Passa-se na Florida. É a história de uma jovem milionária americana, surda-muda, que se apaixona por um seminarista francês em missão em Miami... A pobrezinha não sabe como declarar-lhe o seu amor...

Manuel – Porque ele é um seminarista...

Conceição – Sim, e porque ela é muda. Ele também está apaixonado, mas não sabe como dizer-lho...

Luís – Porque ele é tímido...

Conceição – Isso mesmo... E também porque ela é surda.

Manuel – Ela não podia ler os lábios dele?

Conceição – Até podia. O problema é que ele só fala francês, e ela só sabe ler os lábios em inglês...

Pedro (*um pouco confuso*) – Claro...

Conceição – Para a surpreender, ele aprende às escondidas língua gestual...

Manuel – E inglês...

Conceição – No Dia dos Namorados, ele leva-a a jantar a um restaurante de luxo e declara-lhe o seu amor!

Pedro (*entusiasmado*) – E então?

Conceição – De tanta emoção, ela recupera a fala e a audição.

Luís – E a vista, também?

Manuel – Quer dizer que ele aprendeu língua gestual para nada...

Conceição – Não! Porque depois eles decidem abrir uma escola para surdos...

Luís (*preocupado*) – Mas casam-se?

Conceição – Claro.

Manuel – Mas ele é seminarista...

Conceição – No fim, ele converte-se ao protestantismo para poder casar com ela...

Silêncio, enquanto todos refletem sobre essa emocionante história.

Conceição – Bem, tenho de voltar à cozinha...

Manuel – Muito bem, vá lá tratar disso.

Conceição sai. Os funcionários da funerária pegam nos copos. Manuel volta ao jornal.

Manuel (*a ler*) – O tabaco também mata os não fumadores... Então mais vale fumar!

Pedro – Por falar nisso, sabes o que a minha filha me perguntou hoje de manhã, quando a levei à escola na carrinha funerária?

Manuel – Levas a tua filha à escola num carro funerário?

Pedro – E depois? É o meu veículo de trabalho. É como se a levasse na carrinha da casa de congelados... (*Irritado.*) Mas sabes o que ela me perguntou?

Manuel – Não.

Pedro – «Para onde é que vamos quando morremos?»

Manuel – E o que é que lhe respondeste?

Pedro – O que é que achas?

Manuel – Não sei.

Pedro – Exatamente. Disse-lhe que não sabia.

Manuel – E então?

Pedro – E ela respondeu: «Mas, pai, quando morremos, vamos para o cemitério!»

Manuel – Pois, com a profissão que tens, é natural que ela ficasse surpreendida por não saberes.

Luís – Para onde vamos quando morremos... Se já nem sabemos para onde vamos enquanto estamos vivos... Vá, serve-nos mais um copinho, que isto até passa.

Manuel enche os copos novamente e percebe que a garrafa está vazia ao servir Pedro.

Manuel – Não sobra uma gota. Com o que vocês beberam... Vou buscar outra garrafa à cave.

Luís (*a ler*) – Violada pelo sogro no dia do casamento, atira-se para a frente do comboio que a levaria em lua de mel e provoca um descarrilamento terrível...

Pedro – Parece que o negócio voltou a animar...

Manuel desce à cave pelo alçapão atrás do balcão. Conceição volta e passa uma esponja pelo balcão.

Pedro – E o teu filho, Conceição, como vai?

Conceição – Está bem. Foi fazer um estágio de três meses através da escola de gestão.

Pedro – Ah, sim? Onde?

Conceição – No Burger King... Em Los Angeles.

Pedro – Em Los Angeles! E o que é que faz lá? Marketing?

Conceição – Não, trabalha no atendimento. Nos Estados Unidos, a filosofia é começar por baixo.

Pedro – No Burger King...?

Conceição – Em Los Angeles! Não aceitam qualquer pessoa... Para servir hambúrgueres aos americanos, veja lá!

Pedro não tem tempo de responder.

Manuel – Meu Deus!

Manuel regressa da cave, assustado.

Manuel – Tenho um metro de água na cave! Até as garrafas vazias estão a boiar!

Luís – Na cave...?!

Manuel – Tenho de fechar a torneira de segurança.

Manuel dirige-se à torneira de corte.

Conceição – E como é que faço a loiça sem água?

Manuel – Hoje, quanto ao vinho branco, ficam a ver navios...

Luís – Pouco importa o copo, desde que haja vinho! Dá-me um tinto, num copo bem grande.

Manuel volta a encher os copos, desta vez com vinho tinto. Conceição observa-o, preocupada com a cozinha.

Pedro – E então, o resto do vinho fica por aí?

Manuel – Vou telefonar a um canalizador... Ao menos ainda temos aguardente de maçã.

Luís (*depois de provar a aguardente*) – Isto sabe a água...

Conceição – Mas por que razão guarda tantas garrafas vazias? Já nem há depósito...

Luís – Quando era miúdo, íamos levar garrafas vazias à mercearia para ganhar uns trocos e comprar cigarros. A dona guardava-as no quintal. Como o muro dava para o nosso jardim, trepávamos e recuperávamos as garrafas, para as vender outra vez. Era uma senhora simpática, mas nós não resistíamos a pregar-lhe partidas. Dizem que as crianças são anjos... Não há nada mais cruel do que uma criança.

Conceição – Está bem, mas como é que vou cozinhar sem água?

Manuel – Está bem, está bem. Vou chamar o canalizador.

Manuel folheia a lista telefónica, à procura de um canalizador.

Manuel (*a ler na lista telefónica*) – Da Silva, Dos Santos, Da Costa... Pelo menos, por onde escolher não falta!

Luís (*a ler no jornal*) – Os portugueses fazem amor de três em três dias... (*Pensativo.*) Chiça...

Manuel (*a marcar o número*) – Então... 21...

Conceição – E então? O canalizador vem ou não?

Manuel (*ao telefone*) – Não atende...

Conceição – Bem, vou aproveitar para ir à padaria...

Luís – Sabias que, segundo o jornal, os portugueses fazem amor de três em três dias?

Conceição (*irónica*) – E as portuguesas?

Luís (*a olhar o jornal*) – Bem, não diz isso aqui.

Manuel – Droga! Vou ligar para o telemóvel dele...

Conceição – A cada três dias... Talvez nos sonhos...

Conceição sai para ir comprar pão.

Manuel (*a marcar o número*) – 91...

Luís – É uma média...

Manuel – Estou? Finalmente! Estou a ouvi-lo muito mal... Está a conduzir, não é? É por causa de uma inundação na cave... Sim, no Café Central, em frente ao cemitério! O cemitério! Está a ouvir-me? Não, em frente! Em frente! Estou?

Ouve-se o chiar de travões e, logo a seguir, um estrondo. Os funcionários da funerária olham para a rua.

Pedro – Meu Deus!

Manuel (*desligando*) – Bolas! A chamada caiu...

Luís – Então, esse é o primeiro caixão que vejo voar...

Os funcionários saem às pressas. Manuel olha pela janela.

Manuel – Coitado do Zé... Felizmente, já estava morto!

Jesus entra de fato-macaco, a amparar Branca pelo braço. Sem o lenço na cabeça, ela já não é reconhecida por Manuel.

Branca – Ganhou a carta de condução na lotaria, foi? Ia-me matando!

Jesus – Mas ela atirou-se para a frente da carrinha! (A Manuel.) O senhor viu, não viu? Atravessou a rua como uma louca...

Manuel finge que não viu nada e que não quer envolver-se no assunto.

Branca – Quase me mata e ainda me chama maluca!

Manuel (*para Branca*) – Sente-se aí um bocadinho...

Jesus (*para Manuel*) – Não lhe podia dar um copinho de qualquer coisa, para a reanimar?

Manuel serve um cálice de aguardente de maçã a Branca, que o bebe de um trago.

Branca – Esta aguardente sabe a água!

Manuel torna a encher-lhe o copo. Branca esvazia-o de imediato e estende-o de novo.

Branca – Ainda me sinto muito fraca...

Manuel recusa-se a obedecer.

Manuel – Chega.

Jesus – Mas não lhe aconteceu nada. Nem sequer lhe toquei! A minha carrinha é que ficou feita num oito...

Branca – Ia-me matando, e só se preocupa com o monte de lata!

Jesus – Sim, mas antes de ser um monte de sucata era uma carrinha novinha em folha... (*A Manuel.*) E preencher a declaração amigável não vai ser nada fácil. Sabe onde andam os funcionários da agência funerária...?

Manuel preocupa-se com a velha senhora.

Manuel (*para Branca*) – Então, avó, já está melhor?

Branca (*aborrecida*) – Não sou sua avó!

Manuel (*para Jesus*) – Era bom avisar alguém da família, para a vir buscar. (A Branca.) Quer que telefonemos aos seus filhos?

Branca (*a olhar para ele*) – Filhos? Nem sei se tenho...

Manuel – Não sabe?

Branca – Se tive, já nem sei o que lhes fiz...

Manuel – Ao menos, qual é o seu apelido?

Branca – Que tem o senhor a ver com isso? É polícia?

Manuel – É casada?

Branca – Claro! Estava a ir visitar o meu marido ao cemitério quando este energúmeno quase me atropelou!

Manuel – E onde está o seu marido?

Branca – Está morto, pois então!

Manuel – No acidente?

Branca – Que acidente?! Não, já estava morto antes!

Jesus (*perdendo a paciência*) – Bem, se ninguém está ferido, talvez me possa ir embora...

Manuel – Espere lá! O senhor trouxe-a para aqui depois de quase a atropelar e agora quer ir-se embora? Ou a leva consigo ou fica com ela até aparecer a família. Já tenho uma inundação na cave, isto não é uma instituição de beneficência!

Jesus – Está bem. E agora, o que fazemos?

Manuel (*para Branca*) – O que está escrito no túmulo do seu marido?

Branca – Bem... "Descanse em paz", se me lembro bem.

Manuel – Não, o nome! Qual é o apelido que está escrito na lápide? (Branca dá a entender que não sabe.) Deve ser do choque... Espere um bocado, há de lembrar-se. (A Branca.) Concentre-se. Qual é a primeira letra do seu apelido?

Branca – E o seu, por acaso não começa por «p» e tem três letras?

Manuel (*perdendo a paciência*) – Esta velha está a dar-me cabo da paciência...

Jesus – Parece um bocado desorientada, não parece? Se calhar fugiu de um lar...

Branca faz caretas como se estivesse louca.

Manuel (*para Jesus*) – O que acha disto tudo?

Jesus – Ou se calhar está bêbeda...

Manuel – Bêbada?

Jesus – Depois de todo o aguardente de maçã que lhe serviu...

Manuel – Agora a culpa é minha! (*Desconfiado.*) O estranho é que normalmente não se faz o teste do balão às vítimas... Quer que chame a polícia para tratar da declaração do acidente?

Jesus (*conciliador*) – Não vale a pena incomodar a polícia... Deixamo-la descansar um pouco. Eu vou ver se consigo pôr a carrinha a trabalhar. Senão, tenho de chamar um reboque...

Jesus sai. Pedro e Luís regressam, trazendo o caixão aos ombros.

Manuel – Mas que diabos é isso?

Pedro – É o Zé! Coitado, não podíamos deixá-lo no meio da rua...

Branca olha para o caixão.

Branca – Zé...?

Os funcionários pousam o caixão sobre o balcão. Pedro pega no telemóvel que Conceição deixou esquecido.

Pedro – Posso ligar para o escritório?

Manuel – Bem... é o telemóvel de Conceição.

Pedro liga o número.

Pedro – Bolas! Não atendem. Devem ter ido almoçar...

Luís – É preciso arranjar o caixão. Ficou danificado com o acidente.

Manuel – Aqui?

Pedro – Assim não temos de adiar o funeral. A família foi buscar flores... São quinze minutos, no máximo, para irmos buscar uma tampa nova. Tenho a certeza de que o Zé gostava de passar mais um bocadinho aqui no café, com os amigos... Onde é que o podemos deixar sem estorvar?

Manuel (*hesitante*) – A cave está inundada... Fora isso, só na cozinha.

Os funcionários levam o caixão para a cozinha, sob o olhar pasmado de Manuel.

Branca – Não será meu marido, será?

Manuel entra na cozinha, preocupado. Branca os segue, mas para quando o telemóvel de Conceição toca. Branca pega o telefone e atende.

Branca – Estou...? Quer falar com a Conceição? Se fizer questão... Pois, eu sou viúva... Estava mesmo a caminho do enterro do meu marido. Ele está ali na cozinha. A minha idade...? Mais perto dos oitenta do que dos vinte. Não tem nada contra as pessoas idosas...? (*Desanima.*) Desligou. Que falta de educação!

Branca continua em direção à cozinha com o telemóvel na mão. Os outros retornam sem o caixão. Sílvia e Letícia chegam, histéricas.

Sílvia – O que é que aconteceu ao meu pai?

Pedro – Houve... um pequeno acidente de viação.

Letícia – Mas eu pensava que ele tinha morrido de cirrose...

Pedro – Calma, vamos explicar tudo...

Os funcionários afastam-se com Sílvia para lhe explicar o sucedido em voz baixa. Carlos regressa à procura de Letícia.

Carlos – Já falaste com a tua mãe?

Letícia – Ela está a tentar enterrar o pai. Não sei se é a melhor altura para lhe dizer que a filha está grávida...

Manuel – Uns saem, outros entram. O grande ciclo da vida...

Carlos – Tu é que devias ter sido professor de Filosofia.

Manuel – Eu cá deixei de estudar mal acabei a primária. *(Ri-se.)* A primária... em matéria de disparates!

Carlos vira-se para Letícia.

Carlos – Não percebo... Como é que aconteceu?

Letícia – Não fazes a mínima ideia?

Carlos – Desculpa, é que...

Letícia olha com desdém para Carlos, completamente confuso.

Letícia – Não te preocupes, estava a brincar.

Carlos – Uma piada?

Letícia – O teste de gravidez! Fiz um, mas deu negativo...

Carlos tira o teste do bolso e olha para ele, incrédulo. Manuel aproxima-se para espreitar.

Manuel – Ah, pois... Está a ver? Aqui devia aparecer uma...

Carlos lança a Manuel um olhar fulminante, interrompendo-o.

Letícia – Já era tempo de cresceres um bocadinho, Carlos...

Letícia afasta-se para junto da mãe.

Carlos – Acho que vou beber mais uma aguardente...

Manuel serve-lhe uma aguardente de maçã, que Carlos bebe de um trago. Faz uma careta.

Carlos – Esta aguardente também sabe a água...

Carlos dirige-se à casa de banho e cruza-se com Branca, que sai da cozinha com ar conspirativo, mas sem o telemóvel. Manuel lança-lhe um olhar desconfiado.

Branca *(para si mesma)* – Não tinha um telemóvel na mão há bocado...?

Jesus volta.

Jesus (*irritado*) – Assim nunca mais preenchemos a declaração do acidente! Onde é que se meteram os homens da funerária? Ainda tenho uma caldeira para instalar...

Manuel arregala os olhos.

Manuel – É canalizador?

Jesus – Sim, sou...

Manuel – Qual é o seu nome?

Jesus – Jesus...

Manuel – Mas então é o homem que eu estava à espera! (*Aponta para baixo.*) A inundação é lá em baixo...

Jesus (*sem entusiasmo*) – O que é isso?

Manuel – Rebentou um cano. Está tudo inundado...

O canalizador aproxima-se da entrada da cave, deixa o molho de chaves em cima do balcão e desce alguns degraus.

Jesus – Meu Deus!

Manuel – Consegue fazer alguma coisa, não consegue? Sei lá, um remendo de emergência...

Jesus – Sou canalizador, não sou mergulhador.

Manuel – E agora, o que é que faço?

Jesus – Pode sempre chamar os bombeiros... Ou esperar que a água evapore.

Manuel – Mas eu fiquei sem água nas torneiras!

Jesus (*irónico*) – Lá em baixo tem água que chegue para encher uma piscina! (Perante a falta de reação de Manuel.) Vou fechar a válvula da cave. Assim, pode voltar a ter água no resto do café.

O canalizador começa a trabalhar atrás do balcão.

Manuel – Por que essas coisas sempre acontecem comigo?

Jesus (*a trabalhar na cave*) – Não é que estas coisas só lhe aconteçam a si. É que, quando acontecem aos outros, o senhor não lhes liga nenhuma...

Carlos sai da casa de banho.

Carlos – Está um cadáver em cima da mesa da cozinha... É normal?

Manuel (*preocupado com outra coisa*) – Não se preocupe, é só por um bocadinho...

O canalizador retorna.

Manuel – Já terminou?

Jesus – Sim. Já pode usar as torneiras. Quando a água da cave baixar, telefone-me e venho fazer a reparação.

Manuel – Bem, quanto lhe devo?

Jesus – 100 euros.

Manuel (*chocado*) – Cem euros por cinco minutos de trabalho?!

Jesus – É o preço fixo. Quer ver a tabela?

Manuel – Gostava era de a ter visto antes! (*Tira dinheiro da caixa e entrega-o ao canalizador, contrariado.*) E pensar que um médico leva quatro vezes menos por uma visita ao domicílio...

Jesus – Da próxima vez, chame antes um médico. Já agora, posso comer qualquer coisa?

Manuel – A cozinheira não está... Só temos carne fria na cozinha...

Jesus (*a sair*) – Bem, tenho mesmo de me ir embora. Deixo aqui o cartão, por causa da declaração do acidente.

O canalizador sai e cruza-se com Conceição, que regressa da padaria com vários pães.

Conceição – Já arranjam a fuga de água?

Manuel – Pelo menos já temos água nas torneiras.

Conceição – Ainda bem... Com esta confusão toda, já estou atrasadíssima.

Conceição entra na cozinha. Logo a seguir, solta um grito estridente.

Manuel – Esqueci-me de lhe falar do Zé...

Branca (*intrigada*) – O Zé...?

Manuel vai à cozinha e volta a amparar Conceição pelo braço.

Manuel – Disseram que era só um quarto de hora, não tarda estão cá. Sente-se e descanse um bocadinho...

Manuel vê as chaves esquecidas pelo canalizador no balcão.

Manuel (*mostrando alegria*) – Ele esqueceu as chaves, o desgraçado!

Conceição (*desatenta*) – Quem?

Manuel – O canalizador! Agora quero ver se arranja um serralheiro tão ladrão como ele...

Conceição (*pensativa*) – O que será que ele fez com elas...

Manuel – Já te disse que as deixou no balcão!

Conceição – Não, eu quis dizer o Zé. Onde será que ele deixou o bilhete premiado...

Manuel (*pensativo*) – Pois... O grande prémio...

Conceição – Talvez ainda esteja no bolso dele...

Os dois olham para a cozinha. Branca também. Silêncio. O canalizador retorna com uma expressão preocupada.

Jesus – Não encontro as minhas chaves. Por acaso, alguém as viu?

Manuel (*sorrindo satisfeito*) – Que chaves?

Jesus – As da carrinha, as de casa, as da oficina...

Manuel – Quer que chame um serralheiro?

Jesus – Talvez as encontremos, não é?

Manuel pega as chaves e as mostra.

Manuel (*mostrando as chaves*) – Estas não seriam por acaso?

Jesus (*aliviado*) – São essas!

Manuel finge deixar cair as chaves para dentro da cave inundada, mas esconde-as na mão.

Manuel – Ai, que azar! Escaparam-me da mão e caíram à cave!

Manuel – É uma pena... Ainda há um metro de água lá em baixo. Só quando evaporar...

Jesus – Se calhar posso ajudar. Tenho uma bomba na carrinha.

Manuel – Ora aí está! Ao menos já sabe onde estão as chaves...

O canalizador dirige-se à porta para buscar a bomba.

Manuel – Mas está incluído no preço, claro...

O canalizador concorda, resignado, e sai para ir buscar a bomba. Manuel mostra, triunfante, as chaves que na verdade guardou.

Manuel (*suspeito*) – Está à procura de alguma coisa?

Branca – Dê-me uma raspadinha.

Manuel estende a raspadinha, mas fica à espera do dinheiro.

Manuel – Um euro.

Branca apalpa os bolsos à procura de dinheiro. Vê Carlos, que já regressou da casa de banho, e alegra-se.

Branca – Mas será possível! Não se lembra de mim?

Carlos (*inquieto*) – Não...

Branca (*travessa*) – Como não!

Carlos – Bem, talvez...

Branca – O que está a fazer aqui, homem?

Carlos – Bem, nada...

Branca – É espantoso! Continua tão novo...

Carlos – Obrigado...

Branca – E a sua irmã?

Carlos – A minha irmã? Não tenho nenhuma...

Branca – Pois, eu também não, tanto quanto me lembro. Tinha um marido, mas ele teve um acidente. Ainda bem que já estava morto...

Carlos – Ah, bem... Sim. Quer dizer, não.

Manuel começa a perder a paciência, segurando o bilhete na mão.

Manuel – Afinal compra ou não compra?

Branca (para Carlos) – Não me empresta um euro? Não sei onde meti a carteira.

Carlos pousa uma moeda no balcão. Manuel apanha-a e entrega a raspadinha a Branca.

Branca – Muito obrigada, Inácio!

Carlos – De nada.

Branca afasta-se, a raspar o bilhete.

Carlos – Inácio?

Conceição procura qualquer coisa em cima do balcão.

Manuel – Também perdeu alguma coisa?

Conceição – O meu telemóvel...

Manuel – Ainda há cinco minutos estava aqui...

Manuel também procura. Branca aproveita a oportunidade para se dirigir à cozinha.

Manuel (para Conceição) – A propósito, alguém ligou à sua procura há um bocado... No telemóvel...

Conceição – E atendeste?

Manuel – Sim...

Conceição – E então...?

Manuel – Era um tal... Joaquim... ou João...

Conceição – Jesus?

Manuel – Isso!

Conceição – E o que disse ele?

Manuel – Bem... Ele ficou um pouco surpreendido por eu ter atendido, claro, e... Disse que afinal não poderia comparecer ao encontro...

Conceição, irritada, volta a ler o seu romance cor-de-rosa.

Manuel – Fazer um favor às pessoas...

Sílvia e Letícia voltam com uma coroa fúnebre com a inscrição: "Morto pela Pátria". Carlos faz gestos a Letícia, que o ignora.

Sílvia – É incrível... Até os mortos têm acidentes... Aposto que estava a falar ao telefone...

Letícia – Quem?

Sílvia lança à filha um olhar exasperado.

Sílvia – Esse canalha do canalizador!

Elas voltam a sentar-se. Letícia olha para a coroa.

Letícia – «Morto pela Pátria»... Não achas um bocadinho exagerado?

Sílvia – Era a única coroa que restava... Melhor do que nada. (Suspira.) Quando eu morrer, quero ser enterrada com o telemóvel!

Letícia – Porquê?

Sílvia – E se por acaso eu não estiver morta? Tenho pavor de ser enterrada viva. E tu?

Letícia – Não deve acontecer muito frequentemente...

Sílvia – E a mim o que me importa! Se me acontecer a mim...

Sílvia percebe a presença de Carlos, que continua a fazer gestos a Letícia para que lhe ligue.

Sílvia – Diz-me uma coisa, Carlos, tu que és filósofo: há vida antes da morte?

Carlos – Queres dizer «depois»?

Sílvia – Isso, a não ser que nos enterrem vivos...

Carlos – Bem, não sei se a vida depois da morte seria uma boa ideia... Como diz a protagonista do meu último romance: «Se ser surdo-mudo em vida já é difícil, depois de morto ainda pode ser pior.»

Esta última afirmação chama a atenção de Conceição.

Conceição – Mas isso é o que diz a personagem de «Uma Mulher É uma Mulher»! O Michael diz precisamente isso à Samantha quando ela está prestes a saltar de um penhasco! O senhor deve ser a Barbara Shetland!

Sílvia e Letícia olham uma para a outra, perplexas.

Carlos – Bem, às vezes, sim... Mas... preferiria que isso continuasse confidencial...

Conceição – Devorei o seu livro numa noite! Aliás, todos os seus livros... Até estava a reler este, para ver se não me tinha escapado nada. Pode dedicá-lo a mim?

Carlos – Claro...

Conceição – Obrigada! Nunca imaginei que Barbara Shetland fosse um homem... É um homem, não é?

Carlos – Tento apenas dar às mulheres um pouco do romance que lhes falta no dia a dia...

Manuel dá uma olhada na capa bastante sensual do livro.

Manuel – Não me diga...

Carlos – Primeiro tentei escrever tragédias. Mas o teatro, infelizmente, não faz parte da nova economia. E também não fazia parte da antiga...

Conceição – As suas peças chegaram a ser representadas?

Carlos – Sim... No salão da junta de freguesia de Freixo de Espada à Cinta, lá em Trás-os-Montes...

Conceição – E pensar que o seu último romance se passa em Miami! Estamos longe de Trás-os-Montes...

Manuel – Pois, tirando os enchidos...

Carlos (*para Manuel*) – Quer que lhe dedique um exemplar também...

Manuel – Vendo o efeito que tem nas leitoras, até fico tentado. Afinal, como diz o título, uma mulher é uma mulher...

Carlos tenta sair discretamente.

Carlos – Bem, a companhia é excelente, mas tenho de ir dar aulas...

Leticia chama-o quando ele está a passar pela porta.

Letícia – Até logo... Barbara...

Carlos sai, descomposto. Manuel retoma as palavras cruzadas. Branca regressa discretamente da cozinha.

Manuel (*a olhar para as palavras cruzadas*) – É preciso ter peças para funcionar... Começa por t... Que raio será?

Branca – Teatros!

Manuel (*zangado*) – Eu não lhe perguntei nada!

Branca – Os teatros precisam de peças para funcionar. E começam por t!

Manuel volta a verificar a grelha no jornal. Sílvia e Letícia descobrem Branca.

Manuel – E tem sete letras!

Branca – Como os sete anões...

Manuel – No Totoloto só são cinco números e mais o Número da Sorte. Seis! Não admira que nunca me saia nada...

Manuel preenche a grelha.

Sílvia (*aproximando-se de Branca*) – Mãe! O que estás a fazer aqui?

Branca – Vim para o funeral! *(Para Manuel)* Quem é esta maluca?

Manuel *(para Sílvia)* – Então, é a sua mãe? Parabéns... Já não sabíamos o que fazer com ela... *(Baixo)* Ela está um pouco desorientada, não é?

Sílvia – Digamos que a memória dela é seletiva. Ainda sabe de cor o NISS do marido...

Branca – O NISS dele? Onze, vinte e cinco, trinta e quatro, trinta e sete, dezanove, quatro... 11253437194.

Sílvia – No entanto, às vezes nem se lembra de que tem marido... Agora já não faz grande diferença. Morreu.

Manuel verifica o resultado do Totoloto no jornal.

Manuel *(para Branca)* – Como era mesmo o NISS do seu marido?

Branca – Já lhe disse: 11253437194.

Manuel – Os cinco números saíram todos... E até o Número da Sorte, atribuído ao acaso, foi o quatro! *(Mostra o jornal.)* Ganhou! O Zé ganhou o Totoloto!

Sílvia olha para Manuel, inquieta, começando a pensar se não acabou num hospício.

Manuel *(incredulamente)* – Zé...! Esse sacana...!

Os funcionários da agência funerária voltam com a tampa nova do caixão.

Pedro – Aqui estamos. Vamos arranjar isso imediatamente.

Manuel chama discretamente Pedro.

Manuel – Podemos falar um momento antes de fechar o caixão...?

Manuel leva Pedro e Luís para um lado e fala em voz baixa.

Pedro – Bem... É um pouco delicado...

Luís – Não temos autorização para mexer nos bolsos dos nossos clientes...

Manuel – Pelo menos, podem conversar com a família. Estamos a falar do jackpot, aqui...

Sílvia repara no conciliábulo.

Sílvia *(inquieta)* – O que está a acontecer agora...?

Momento de embaraço.

Pedro – É um pouco delicado...

Letícia – Acho que a delicadeza já passou...

Baixinho, Pedro explica a situação a Sílvia.

Sílvia – Não, não encontrámos nenhum boletim...

Pedro continua as suas explicações.

Letícia – Meu Deus!

Sílvia (*excitada*) – O jackpot?

Pedro – Uns doze milhões de euros... Não custa nada ver se o boletim está nos bolsos dele, enquanto ainda está na cozinha.

Luís – Mais tarde seria mais complicado...

Sílvia e Letícia aceitam. Os funcionários dirigem-se à cozinha. Sílvia e Letícia esperam, muito entusiasmadas...

Letícia – Sabias que o avô jogava no Totoloto?

Sílvia – Não fazia ideia! Que loucura...

Os funcionários da funerária regressam, trazendo o caixão aos ombros.

Sílvia (*entusiasmada*) – Então?

Letícia olha para o caixão e lança à mãe um olhar de reprovação.

Sílvia (*adotando um ar mais adequado à ocasião*) – Então...?

Os funcionários pousam o caixão sobre o balcão, com todo o cerimonial.

Sílvia – Procuraram bem? (Pedro tira do bolso um bilhete com um gesto de ilusionista. Sílvia agarra-o.) Será que é o premiado? (A Manuel.) Nunca joguei no Totoloto. Como é que se recebe o prémio?

Manuel – Doze milhões? Por uma quantia destas, terá de apresentar o comprovativo e identificar-se junto dos Jogos Santa Casa. Não tenho tanto dinheiro na caixa... Posso ver? Fui eu que registei o boletim.

Sílvia mostra o bilhete com muito cuidado, como se fosse o Santo Sacramento.

Sílvia – Querido paizinho! E pensar que quase recusámos a herança...

Manuel olha para o bilhete, e o seu sorriso desaparece.

Manuel – Maldição!

Sílvia (*inquieta*) – O quê?

Manuel – Isto não é um bilhete do Totoloto...

Sílvia – Como assim?

Manuel – É uma raspadinha...

Letícia – E daí?

Manuel raspa o bilhete. Todos esperam o resultado.

Manuel (*entusiasmado*) – Ganhou...

Sílvia – Quanto?

Manuel – Um euro. Ao menos chega para comprar outra...

Sílvia fica arrasada.

Sílvia – Era bom demais para ser verdade...

Letícia – Eu sabia que ele não era um vencedor...

Manuel – Mas então onde está o boletim do Totoloto? Fui eu que lhe registei a aposta!

Conceição – Achem que alguém lho pode ter roubado?

Manuel – Roubar um morto... Quem é que seria capaz de uma coisa dessas?

Todos olham primeiro para os funcionários da funerária, indignados, e depois para Branca, que finge inocência.

Manuel – O que tem aí na mão? (Tenta abrir-lhe a mão.) Ela não o larga, raios a partam!

Manuel consegue tirar o boletim da mão de Branca.

Sílvia – E agora?

Manuel olha para o bilhete.

Manuel – Agora sim, é um comprovativo do Totoloto! (*O sorriso desaparece.*) Raios partam isto!

Sílvia – O que foi agora? Ainda vou ter um ataque cardíaco...

Manuel – Mas não são os números correspondentes ao NISS do Zé!

Sílvia – E então?

Manuel – O Zé jogava sempre os números do NISS... Só que nesse dia, pelos vistos, não o fez!

Letícia – E daí?

Manuel – Pois... Então o pai não ganhou nada.

Sílvia está prestes a desmaiar...

Letícia – Acho que já é hora de terminar...

Conceição – Então que números é que ele jogou?

Manuel (*a olhar para o boletim*) – Parecem vir de um número de telemóvel. Olhem: 9, 12, 5, 34 e 19... E o Número da Sorte foi o 7.

Conceição pega no bilhete e olha para ele.

Conceição – Mas é o meu número! 912 534 719! Ele deve tê-lo visto no anúncio que pus na revista de caça... (*A Manuel.*) E o meu telemóvel, não apareceu?

Manuel – Não tive tempo de procurar. Com esta confusão... (*Aponta para o telefone fixo.*) Liga para o teu número, a ver onde está.

Conceição, a olhar para o bilhete do Totoloto, marca o número. Ouve-se um toque dentro do caixão. Todos olham para o caixão.

Manuel – Quem é que o meteu lá dentro...?

Conceição desliga o telefone e o toque para.

Conceição – Mas como é que vou recuperar o meu telemóvel? Estou à espera de chamadas importantes...

O telefone começa a tocar novamente dentro do caixão. Todos olham para Conceição.

Conceição – Ah, não, desta vez não fui eu!

Manuel – O número está no anúncio... Não vai parar de tocar lá em baixo...

Pedro – Se soubesse que isto ia ser uma estação de correios, tinha instalado uma portinhola neste caixão... Têm a certeza de que não ficou lá dentro mais nada?

O telemóvel continua a tocar dentro do caixão.

Sílvia – Bem, temos que fazer alguma coisa, não é?

Luís – A cremação é mais limpa. E não há reclamações...

Pedro levanta novamente a tampa do caixão, contrariado. Um braço sai de lá de dentro e estende-lhe o telemóvel. Pedro recebe-o como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Pedro – Obrigado.

Pedro entrega o telemóvel a Conceição, que atende.

Conceição (com uma amabilidade forçada) – Estou, sim...?

Conceição percebe que todos a escutam e afasta-se para continuar a conversa. Luís recoloca a tampa do caixão, resmungando.

Manuel – Mas se o Zé não é o vencedor, quem será?

Todos ficam intrigados. De repente, o canalizador irrompe pelo café, a agitar um comprovativo do Totoloto.

Jesus (histérico) – Sou eu! Repetiram a chave vencedora na rádio. É a minha! Ganhei!

Manuel – Só há sorte para os cornudos...

Conceição interrompe a conversa ao telemóvel e aproxima-se, interessada, do canalizador.

Conceição (a fazer-se de engraçada) – Sorte ao jogo... Então, como é que se chama?

Jesus – Jesus.

Conceição – Jesus! Mas era o senhor que eu estava à espera!

Jesus – Ah, a senhora também...?

O telemóvel de Conceição volta a tocar. Ela atende.

Conceição – Pronto, chega! Por hoje, a época de caça está encerrada!

Jesus – Vá, Manuel! Esta rodada é por minha conta!

Manuel serve a rodada em cima do caixão, que continua sobre o balcão. O telefone do café toca e Manuel atende.

Manuel – Estou, Café Central, faça favor...

Todos começam a brindar e a conversar aos gritos. Manuel esforça-se por ouvir o interlocutor ao telefone.

Manuel – É do cemitério! O coveiro! (Indica o caixão, coberto de copos.) Pergunta se o funeral ainda é hoje ou já fica para amanhã...

Pedro – Ora, não há pressa nenhuma! Diz-lhe para vir beber um copo...

O canalizador finalmente percebe o caixão no balcão.

Jesus – E aquilo ali... o que é?

Manuel – É o Zé! (Procura nos bolsos.) Espera lá... Onde é que meti as tuas chaves?

Manuel olha para o caixão.

Pedro – Oh, não!

Manuel – Vá, o que é que te sirvo?

Pedro – Uma cerveja... mas com a espuma por baixo.

Manuel prepara-se para servir a cerveja.

Luís – Coitado do Zé! Nunca teve sorte...

Dá uma pancada no caixão, para sublinhar as palavras.

Luís – Nem sequer pode brindar connosco!

A tampa do caixão levanta-se e surge o tronco de Zé, interpretado pelo ator que fez de Carlos, caracterizado para não ser reconhecido.

Zé – «Descansa em paz», diziam eles! Uma ova!

Todos ficam imóveis, de olhos fixos em Zé, que estende um copo.

Zé – Vá, só mais um copinho! Para a viagem...

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-37705-999-7

Documento para download gratuito